

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DIURNO**

**VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: A
PARTICIPÇÃO DAS FAMÍLIAS NA VIDA ESCOLAR DE SEUS FILHOS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Franciane Moura da Silva

**Santa Maria, RS, Brasil
2018**

**Reflexões sobre as vivências durante o estágio curricular supervisionado:
A participação das famílias na vida escolar de seus filhos.**

Franciane Moura da Silva

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia Diurno, da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS),
como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciado em Pedagogia

Santa Maria, RS, Brasil

2018

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Licenciatura em Pedagogia**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o Trabalho de Conclusão de Curso

**VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: A
PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS NA VIDA ESCOLAR DE SEUS FILHOS**

elaborado por
Franciane Moura da Silva

como requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciada em Pedagogia

Prof^ª. Dra. Aruna Noal Correa (UFSM)

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Estela Maris Giordani (UFSM)

ORIENTADORA

santa Maria, 21 de Dezembro de 2018.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Deus, pela minha vida, pela constante fé em minhas orações. Por ter me guiado neste caminho da graduação por todos esses anos e até o presente momento. Agradeço por todas as situações vivenciadas, sem dúvida foram aprendizados que contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional.

Agradeço ao meu Pai Hélio, que acreditou em mim desde o ingresso na faculdade e não mediu esforços para me ajudar. lembro-me sempre de sua preocupação nos dias em que eu passava o dia inteiro na UFSM. Na hora do almoço, levava um lanche ou me alcançava \$2,50 para almoçar no RU, lembrança maravilhosa que guardo em meu coração. Meu amado pai, meu exemplo de bondade e perseverança.

Meu marido Fernando, companheiro e amigo, à ti agradeço imensamente por estar ao meu lado vivenciando e me apoiando em toda esta trajetória. Obrigada pela paciência, dedicação e cuidado por mim e pela nossa família. Não esqueço o quanto lutamos juntos para que eu pudesse alcançar meu sonho e concluir a formação. Passamos por muitas situações desafiadoras e permanecemos de mãos dadas superando os obstáculos. Amo-te.

Agradeço imensamente a minha querida e amada Orientadora Professora Estela Maris Giordani, que me acolheu e preencheu a minha formação com os seus conhecimentos. Obrigada pelos conselhos, estes que levarei para a vida, pois bem sabe boa parte das minhas angústias e vivências pessoais de que passei nestes últimos meses. Não imagina o quanto sou grata . Obrigada de coração por ter me estendido a mão. LUZ DE MINHA VIDA!

Agradeço também a querida Professora Aruna Noal Correa, pelo carinho em aceitar fazer parte deste momento, trazendo suas contribuições como banca.

Por fim e não menos importante, agradeço aos amigos queridos, que torceram por mim, principalmente aqueles que foram apoio e ofereceram seus ombros, ouvidos e palavras de conforto.

GRATIDÃO!

SILVA, Franciane Moura. **Vivências no estágio curricular supervisionado: A participação da família na vida escolar de seus filhos**. 2018.p. 30.Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia Diurno. Universidade federal de Santa Maria - Camobi. Santa Maria

RESUMO

O presente trabalho traz reflexões referentes ao estágio curricular supervisionado, abordando os desafios em trabalhar com a família e a escola, obtendo total importância destas instituições no desenvolvimento integral da criança. O objetivo geral é apresentar os questionamentos e argumentações desta relação entre estágio supervisionado, família e escola. Utilizei como metodologia a pesquisa reflexiva com apoio de referências bibliográfica e diário de campo. Através dos autores, trabalhei os entendimentos de Pimenta e Lima (2012) os quais abordam o estágio supervisionado e a docência com a formação de professores e pedagogos a partir da relação teoria e prática. Freddo (2004) relatando o ingresso dos filhos na escola, abordando os sentimentos e as expectativas dos pais. Neste trabalho propus especificar as minhas angústias referentes aos desafios e problemas encontrados no decorrer do estágio, com uma abordagem que explicasse como as relações entre família e escola acontecem, dentro do espaço escolar, superando as dificuldades encontradas e podendo contribuir para o crescimento e desenvolvimento dos alunos no ambiente escolar.

Palavras-chave: Estágio Curricular. Família. Escola.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	7
2. O PERCURSO DO ESTÁGIO CURRICULAR	8
3. DESAFIOS E LIMITES DO ESTÁGIO CURRICULAR- FAMÍLIA E ESCOLA.....	14
4. OS ENCAMINHAMENTOS E AS CONTRADIÇÕES VIVENCIADAS NO ESTÁGIO CURRICULAR.....	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
6.REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é proveniente de meus estudos, vivências e experiências como acadêmica de Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria, (UFSM). O objetivo é apresentar alguns momentos de vivências e experiências ao longo do processo percorrido durante o estágio e assim, trazendo uma reflexão dialógica do trabalho desenvolvido. Assim, neste trabalho proponho caracterizar sucintamente o período do estágio, afim de situar melhor o trabalho pedagógico vivenciado, bem como as observações apontadas em meus relatórios diários, elencando o que acontecia no cotidiano escolar e em sala de aula, entendendo o estágio como a primeira experiência de exercício profissional, conhecimento da realidade e oportunidade de vivenciar a relação teoria e prática.

De acordo com Pimenta e Lima (2008), o Estágio Curricular Supervisionado, pesquisas demonstram que a formação de professores está carente tanto de teoria quanto de prática, fato que constitui o Estágio Curricular Supervisionado em uma atividade sem objetivos claros do que se pretende com essa vivência. O estágio, assim passa a ser visto apenas como mais uma obrigação do curso, uma atividade burocrática. Ele é um eixo articulador de todas as disciplinas do curso de Pedagogia pois, todas as disciplinas têm a finalidade de contribuir com a formação do futuro professor a partir de uma análise crítica e novas proposições de fazer educação.

Essa compreensão entre teoria e prática possibilitou uma nova concepção de estágio a partir de estudos e pesquisas. Pensando em uma atitude que fosse contrária e respondesse minhas perguntas e inquietações, precisei apresentar uma reflexão sobre a importância do estágio na formação, abordando as atividades realizadas, a percepção das crianças e da professora e o resultados que as intervenções nas aprendizagens tiveram. Algo que pudesse possibilitar o meu trabalho, de forma que considerasse as contribuições, as dificuldades, as partes positivas e negativas e sugestões para uma nova metodologia de trabalho.

Assim, o estágio foi pensado em momentos que pudessem contribuir para as necessidades dos alunos de maneira a trabalhar os conteúdos propostos diferencialmente. Primeiramente, pensa-se em trabalhar as necessidades mais afloradas e as reflexões sobre os problemas de socialização dos quais eram pertinentes em sala de aula, permeando a realidade escolar. Dessa forma, para que possamos compreender melhor as vivências e abordagens realizadas durante o percurso do estágio apresentarei algumas considerações sobre o que foi o estágio para a minha formação.

2 O PERCURSO DO ESTÁGIO CURRICULAR

Este trabalho surgiu a partir das minhas reflexões sobre o estágio nos anos iniciais, onde tive muitas angústias e questionamentos, no sentido de tentar solucionar todos os problemas que encontrei em sala de aula e no espaço escolar. É importante enfatizar que, no decorrer do processo formativo, nos deparamos com muitas inquietações referentes à educação, algumas perguntas são respondidas, outras não, e tantas outras ainda ficarão para nos questionarmos.

Começo, então, a relatar o processo de adentrar a escola e fazer parte do corpo docente, é necessário dizer que fui acolhida por todos, justamente por estar inserida no espaço desde a disciplina de Inserção e Monitoria, na qual optei pela escola Hilda Vasconcellos, localizada no Bairro Campestre na cidade de Santa Maria/RS. Realmente, ao chegar na escola, me deparei com situações inquietantes nas quais, acredito não estarem inseridas somente naquele contexto. Em minha introdução, relato questões relacionadas sobre o ensino tradicional, teoria e a prática, percebo o quanto é relevante falar sobre estes assuntos, uma vez que nos deparamos com a realidade exercida em sala de aula.

Considerando a compreensão de que a teoria é indissociável da prática, nessa perspectiva, é necessário salientar que o estágio se desenvolve em uma atitude investigativa, afinal, deve-se estar atento as percepções de sala de aula, para que possamos refletir permanentemente sobre qual a interação que devemos ter na vida cotidiana dos alunos, das escolas, professores e todos que

estão envolvidos neste processo. As reflexões que obtive durante o período de estágio baseiam-se em como ajudar, contribuir na vida escolar dos alunos, e como superar as questões que não puderam ser sanadas. Observando a prática como uma caracterização do modo tradicional da atuação docente, muito comum em nossos dias, e estava presente no meu percurso, principalmente na troca de ideias com a professora regente. Pimenta e Lima (2008, p. 35-36) sugerem acerca desta percepção “[...] é que a realidade do ensino é imutável e os alunos que frequentam a escola também o são. Idealmente concebidos, competiria à escola ensiná-los, segundo a tradição”. Outra questão relacionada a prática, vista como instrumentalização teórica, compreende que o profissional não precisa dominar os conhecimentos científicos, apenas as rotinas de intervenção originadas desse conhecimento. Rompendo com este viés de raciocínio, se faz pensar nas possibilidades que podemos obter para de fato acrescentar um ensino positivo e significativo para o aluno, ou seja, teoria e prática por vezes tem gerado equívocos na formação de professores.

As autoras mencionam que:

“Reduccionismo dos estágios às perspectivas da prática instrumental e do criticismo, expõe os problemas na formação profissional docente. A dissociação entre teoria e prática aí presente resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas, o que evidencia a necessidade de se explicitar por que o estágio é teoria e prática (e não teoria ou prática.” (PIMENTA & LIMA, 2008, p. 11).

Vale destacar o questionamento elaborado pelas autoras sobre o que se entende por teoria e prática. Para elas o papel da teoria é:

[...] iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade. (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 43).

Nesse sentido, saliento a orientação supervisionada no estágio, que é indispensável e contribui gradualmente de forma significativa e positiva para o crescimento pessoal e formativo. Sem dúvida é importante enfatizar que todos os planejamentos realizados foram construídos de maneira que pudessem atender as especificidades de cada aluno e, também, colaborar para o crescimento formativo da professora regente. Nesse sentido, as reflexões que permearam as minhas escritas diárias, eram justamente o fato de querer ajudar

a turma com seus “problemas” e também potencializar o que tinham de melhor, a constante busca pela aprendizagem efetiva, juntamente com as questões de socialização dentro e fora do espaço escolar.

No decorrer dos estudos para os planejamentos obtive alguns argumentos principais para efetivar com êxito o que se propunha a realizar e tentar desmistificar na turma, a qual era considerada o problema da escola. Entretanto, não poderia realizar tudo o que havia planejado, pensado, pois no decorrer das atividades, as percepções mudariam e seria necessário uma retomada, para que contemplasse o objetivo proposto. Nesta perspectiva, o estágio para Pimenta e Lima (2012, p. 37) se reduz: “[...] *à hora da prática*, ao “como fazer”, às técnicas a ser empregadas em sala de aula, ao desenvolvimento de habilidades específicas do manejo de classe, ao preenchimento de fichas de observação, diagramas, fluxogramas”.

A partir desta citação, e tendo em vista as minhas inquietações em como fazer, o que fazer, como ajudar, devo ou não proceder desta forma, quais atitudes devo seguir, dentre outras, considero que, minhas angústias passaram a aflorar conforme o curso das semanas, precisei refletir sobre o que gostaria de fazer e que trabalho abordar com a turma. Juntamente com a professora Estela Maris Giordani, minha orientadora, tentamos elencar alguns aspectos que pudessem nortear os meus planejamentos, visando sempre algo positivo e que contribuísse para a aprendizagem dos alunos e sua socialização em sala de aula, dentro e fora do espaço escolar.

Meu primeiro dia de estágio se deu com muita ansiedade, ao mesmo tempo feliz por estar vivenciando este momento, esta etapa da minha formação acadêmica, talvez uma certa insegurança por estar presente naquele espaço e me questionar: o que eu faço agora?

Para que eu pudesse estar frente aos alunos e me apropriar do contexto, fizemos alguns combinados importantes e juntamente com a professora regente estabelecemos nossas regras de convivência. É importante salientar que alguns apontamentos foram relatados pela professora regente e foi a partir das suas falas que meu olhar para os alunos aprofundou-se com maior entusiasmo. Os problemas referentes a socialização eram pertinentes nesta turma, e nas conversas juntamente com a Orientadora, essas questões afloravam meus

pensamentos no sentido de fazer algo para que pudesse solucionar e mudar o atual contexto.

Deparei-me com muitas situações desafiadoras, entre elas, citarei a de um menino no qual era visado como um problema dentro e fora da escola. Este aluno repetiria pela terceira vez o terceiro ano, e para contextualizar, havia sérios problemas familiares envolvendo esta criança. Na escola, não tinha a compreensão que deveria ter ao meu ver, visto que as falas da professora regente e coordenação pedagógica, eram de que já haviam realizado diversas tentativas para solucionar as questões que envolviam este aluno, entre elas, socialização com colegas, professores e problemas voltados para aprendizagem e indisciplina.

Mas o fato é que nada do que era ofertado para aquele aluno chamava a sua atenção para um entusiasmo maior em relação ao aprender. De fato, essas questões me incomodavam muito e ao conversar com a coordenação da escola apenas me relatavam que não havia mais o que fazer por este aluno. Como assim? partimos da ideia de que sempre haverá uma solução, desde que esta possa ser alcançada. Mas minhas perguntas não acabavam, pelo contrário, a cada dia em sala de aula meu entusiasmo aumentava e estava determinada a solucionar pelo menos boa parte dos problemas com aquela criança. São muitas as justificativas que permeiam o fato de desistência para solucionar os casos de alunos “problema”. Por diversas vezes lembro-me de tentar diálogo com esta criança para ajudar de certa forma a se sentir valorizado no espaço escolar. Novamente as minhas tentativas funcionavam apenas por algumas horas, devo dizer que quase sempre me frustrei. E no decorrer das aulas, conteúdos explicados, atividades diversificadas, ludicidade, nada fazia com que houvesse interesse satisfatório.

Dessa forma, deparei-me com a seguinte situação: na verdade eu estava querendo muito além do que esta criança poderia me oferecer, talvez eu concordasse com a ideia de que ele fosse sim, capaz de superar os desafios que lhe eram propostos, mas no entanto era necessário respeitar o momento e o tempo deste aluno.

A turma tinha muito potencial, porém notava-se que apesar de todas as dificuldades encontradas, havia um certo enrijecimento, algo que não cooperava

para que a turma avançasse com êxito. E, segundo a professora regente, não haveria muito o que se fazer. Quando questionei sobre essa situação, pude perceber o quanto a professora estava cansada de lutar por seus alunos e não conseguir solucionar seus problemas. Então, as minhas reflexões permearam outro tipo de abordagem, dei-me conta de que os problemas não estavam somente nos alunos, na tentativa frustrada da professora em ajudá-los ou culpar os pais. Devemos procurar entender que nem sempre a família estará presente no ambiente escolar. É preciso fazer uma análise mais profunda e observar que os “tempos” são outros. Hoje em dia os pais possuem propósitos diferentes daqueles de trinta anos atrás. A concepção de família inclusive já perpassa outros significados.

É preciso perceber a importância que atribuímos à participação da família na escola, quando existem muitos comprometimentos, seja no ambiente familiar, escolar, de trabalho, ou seja, pais que comparecem no ambiente escolar de corpo presente e pais que não comparecem são e estão sendo participativos. Ao final do estágio, participei da entrega de pareceres, no qual pude perceber efetivamente a minha percepção de que os pais não estavam presentes na escola com tanta frequência.

Em uma turma de 23 alunos, somente compareceram os pais ou responsáveis de 8 destas crianças, e me questionei muito sobre isso. Porque os pais ou responsáveis não comparecem a entrega de pareceres como “deveriam”? É a vida escolar de seus filhos, e necessário para que possam ajudá-los, pois existe muita preocupação com as séries seguintes, onde a construção do conhecimento é aprofundada e necessária para a continuação da formação do indivíduo. Dias (2011) reforça que a família é uma construção cultural, mesmo não sendo biologicamente ligada é uma estrutura importante na vida da criança. Vasconcelos (1989) auxilia a compreender a ajuda dos pais nos deveres escolares deve se voltar para o que é mais importante e não incentivar a decorar.

Mas tratando-se de autonomia, e outros aspectos que contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem do indivíduo, é importante destacar, a autoconfiança da criança para formá-la e constituí-la como ser humano completo e quando mencionamos o fato de existir ajuda na hora dos deveres escolares,

não podemos fazer julgamentos prévios e rotular tanto a escola, professores e família, pois a criança precisa construir seus conhecimentos advindos dos ensinamentos em sala de aula, obviamente sendo a criança capaz, ela não precisará da ajuda de família em suas tarefas, mas caso seja necessário, esta intervirá. Mas entender o que estas famílias pensam sobre a não participação na vida escolar de seus filhos é intrigante, uma vez que já estamos acostumados com a ideia de que a criança precisará sempre de um adulto ou familiar para resolver seus problemas e conflitos durante o percurso de sua vida.

As relações familiares refletem sim, no desenvolvimento da criança, mas infelizmente muitas famílias não compreendem e não se importam ou mesmo estando conscientes da situação não agem de forma diferente com o fato de que tudo o que a criança presenciar, repercutirá em sua vida e em vários aspectos do seu desenvolvimento, mas ainda assim, tornam-se seres pensantes e contribuintes para a vida pessoal e profissional.

A mãe feliz influirá em seus filhos de um certo modo e dará uma orientação diferente da mãe triste e deprimida. A criança sofre influências de toda e qualquer forma de atividade ambiental, da atividade biológica, da física da do estado de ânimo das pessoas com quem convive etc. (VIDOR, 1977, p. 17).

Para Rios (2001), num mundo em que se defronta a afirmação de uma razão instrumental e a de um irracionalismo é preciso encontrar o equilíbrio, fazendo a recuperação do significado da razão articulada ao sentimento e, no que diz respeito ao ensino, à reapropriação do afeto no espaço pedagógico.

Portanto é necessário refletir até mesmo sobre afetividade no espaço escolar, pois em minhas tentativas de abordar as melhores formas para compreender como acontece a socialização dentro e fora de sala de aula, tive a certeza de que grande parte dos conflitos e problemas de aprendizagem se deram pelo afeto. E como a escola abordava essas questões? Realmente não davam conta da demanda existente em sala de aula e no âmbito escolar, visto que, a minha percepção não se deu somente quando estava frente aluno, mas sim nos diversos espaços em que podíamos socializar com os demais alunos e professores. Como podemos justificar que a escola muitas vezes não está preocupada com essas abordagens que ao meu entendimento possui total relevância na vida escolar do aluno? Ou seja, a integração dos diversos componentes na educação deve associar-se a uma gestão compartilhada, onde

cada um tem suas especificidades, sem negar a importância da articulação com outros componentes sociais, visando à associação de ações internas e externas e de tomadas de decisões. Essa integração e articulação no ambiente escolar deve-se constituir uma conscientização para a tomada de decisões por parte de diretores, professores, família e alunos, portanto deveria sim, ocorrer total participação dos pais, embora haja contratempos.

3 DESAFIOS E LIMITES DO ESTÁGIO CURRICULAR: FAMÍLIA E ESCOLA

O papel da escola deveria ser de articulador, difundindo a parceria e buscando elementos que agreguem na formação do aluno, não somente buscar êxito com a família em datas comemorativas ou chamados emergenciais. Sabemos o quanto é preciso desenvolver uma visão que se torne compartilhada com ações, pois é um processo contínuo que sempre busca objetivar e criar forças que possam fortalecer a mente e o coração de todos os integrantes, fortalecendo um vínculo maior entre família e escola. A relação família e escola só é possível ser compreendida em seu contexto, como uma relação de colaboração, parceria, de vínculo, de compromissos e respeito as suas especificidades, considerando que o principal objetivo de ambas é a formação social e humana do sujeito, ou seja, os seus filhos.

Desse modo, as minhas angústias tornaram-se constantes e percebo que a Escola, ou as Escolas, poderiam de certa forma desenvolver métodos que pudessem resgatar a participação da família na rotina escolar, afinal, está relacionada a um contexto que envolve uma gestão coletiva com objetivos comuns, que constitui elementos dinâmicos, beneficiando a todos os envolvidos da comunidade escolar. Pesquisas e estudos afirmam que o órgão colegiado escolar no processo de participação interativa é de fundamental importância para todos os envolvidos no processo pois:

Um órgão colegiado escolar constitui-se em um mecanismo de gestão da escola que tem por objetivo auxiliar na tomada de decisão em todas as suas áreas de atuação, procurando diferentes meios para alcançar objetivos de ajudar o estabelecimento de ensino, em todos os seus aspectos, pela participação de modo interativo dos pais, professores e funcionários. Em sua ação cabe-lhe resgatar valores e cultura, considerando aspectos socioeconômicos, de modo a contribuir para

que os alunos sejam atendidos em suas necessidades educacionais, de forma global. (LÜCK, 2009, p. 66).

Então, fazendo uma análise geral de toda a situação que envolvia a escola e as famílias, pude perceber que o que deveria acontecer para uma aproximação das famílias na vida escolar de seus filhos, não aconteceria efetivamente por parte da escola. Pois, ao meu ver, não havia maneiras de inovação e cuidado para as questões que envolvessem a comunidade escolar nos problemas de socialização e aprendizagem. Sobre o menino mencionado anteriormente, o que acabou acontecendo, foi um distanciamento entre a escola e a família desta criança. As situações de conflito, já não tinham êxito, logo, os órgãos responsáveis passaram a atuar como, o Conselho Tutelar, Secretaria da Educação, Assistência Social, etc... Pois, segundo a escola, a difícil comunicação com a mãe da criança gerava mais conflitos, pelo fato de não entender o que se passava com o filho. Mas diante toda situação que se propagava pela escola, pois os problemas advindos desta criança não ficavam somente em sala de aula, mas sim permeavam todo o espaço escolar, decidi me envolver mais com a vida pessoal deste sujeito, o que não seria viável, pois eu não teria respostas das quais gostaria de ouvir.

Tentei uma conversa com a mãe, pois já havia visto algumas vezes na escola, mas não foi possível. A professora regente então relatou-me algumas questões sobre a família do menino. Somente quando entendemos o contexto familiar das crianças é que iremos encontrar algumas respostas, e neste caso para mim, ficou claro o que estava evidenciado.

A estrutura familiar composta apenas da mãe e uma tia que recentemente solicitou a retirada do menino de sua casa, pois os conflitos eram constantes. A mãe mandou o menino embora para a casa de outra tia, deixando a criança sem referências. O pai morava em outra cidade e não tinham contato algum. Mas obviamente, não estou falando do contexto estrutural de uma família, mas sim, como as relações de afeto e comprometimento acontecem. Em uma conversa com o menino ele disse a seguinte frase: “não tenho ajuda para fazer as atividades em casa e minha mãe só fica no bar.” Quando a referência que a criança tem é uma única pessoa e no caso a mãe, fica fácil entender os motivos que geram os conflitos desta criança.

Existem problemas de comportamento sim, mas fica evidente que as situações do cotidiano estão implicando para gerar outras questões e a Escola é o espaço onde a criança extravasa as suas dificuldades, pois sabe que seria o lugar mais apropriado que poderia oferecer ajuda e atenção necessária. Porém o que deveria ser positivo, acaba sendo interpretado de maneira negativa pela comunidade escolar. No período em que permaneci frente aluno nos anos iniciais, percebi que o que poderia ser algo fácil de solucionar, tornou-se ridicularizado, pois todo corpo docente da Escola apropriou-se da situação estigmatizando a criança. Confesso, que minhas angústias aumentavam, e na verdade eu gostaria de me envolver para além do que competia à mim, ficando claro o meu distanciamento sobre as minhas funções, ou seja, eu estava naquele espaço apenas para cumprir as horas do meu estágio e trazer maneiras diferentes de ensinar e aprender. Será? Quando era chegada a hora de fazer meus registros diários, pensava muito em todas as situações vividas no dia, e com a certeza de que o percurso da formação no curso de Pedagogia, não sustentou um embasamento teórico para relatar e confrontar as relações da família e da gestão escolar.

Percebi o quanto foi necessário buscar informações para além do curso de graduação em que tratava sobre os assuntos mencionados. Realmente, falar sobre família e escola requer muita atenção, estamos diretamente e diariamente relatando informações advindas destas instituições. Para o acadêmico é de total valia as contribuições para a formação e tratando-se do curso de Pedagogia, formando docentes, é necessário que tenhamos um olhar mais atento, pois na atuação frente aluno iremos nos deparar com inúmeras situações em que será preciso saber exatamente o que fazer, falar e vivenciar.

Pensava sim, que não competia ao meu trabalho o envolvimento profundo com estas questões de família e Escola, apesar de me causar inquietações. As perguntas eram cada vez mais frequentes, e não entendia o real motivo de não se fazer nada para mudar, me perguntava por que a Escola não encontra outras formas de ajudar esta criança? Quando temos um objetivo, tentamos ao menos chegar próximo a ele, mas me disseram que dentro de uma gestão escolar as coisas funcionam de outra maneira. Não se pode fazer tudo o que se deseja, e sempre haverá a superioridade por trás de qualquer situação. Com o passar das

semanas dediquei meu tempo em fazer atividades diversificadas e que trouxessem valores para os alunos, buscando melhorias no desempenho de cada um.

As orientações eram voltadas para solucionar e compreender os processos de aprendizagem e os problemas de socialização, como conflitos pessoais em sala de aula, entre alunos e professores. Após as duas primeiras semanas, percebi que estas questões já não estavam mais acontecendo somente em sala de aula, mas sim, no entorno escolar. Não adiantaria fazer um trabalho diferenciado e tentar melhorias para a aprendizagem dos alunos e suas vivências dentro e fora da Escola, se, de fato, esses problemas estavam implicados em todos os espaços. Mas o desafio é garantir, compreender e realizar a educação, entendida como direito de todos, de maneira que a educação precisa ser concretizada, enfatizando as relações sociais existentes nesse meio, tendo em vista os diferentes sujeitos, onde estes possam passar por um processo de socialização em sua vida, construir, transformar e manter saberes, conhecimentos e valores. Então, o que a Escola faz? Acolhe ou repassa para outrem a sua responsabilidade? Temos estas e tantas outras perguntas para serem respondidas.

O espaço escolar é rico de informações, basta termos um olhar atento e as minhas reflexões se pautaram muito em um aspecto: o cotidiano escolar. Cotidiano remete a algo que intriga as pessoas, quase um mistério, pois é algo que revela algo escondido e que em um primeiro momento não conseguimos desvendar. As pessoas que se assustam com o cotidiano, tratam de forma desprezível ou até mesmo insignificante os estudos que se dedicam a desvendar os mistérios existentes no cotidiano. Neste, acontecem muitas coisas que podem nos ajudar a entender melhor a realidade. O cotidiano escolar está inserido em espaços, lugares, ambientes pertinentes para o processo de ensino aprendizagem de alunos e também de professores, um espaço que nos leva a entender o porquê dos conflitos existentes entre os sujeitos que agregam a escola. Sendo então, um ambiente propício para os desafios no estágio curricular supervisionado, pois é nesse ambiente escolar que o professor aprende a ser educador, a ensinar, a se relacionar com as dificuldades e diferenças encontradas no decorrer de sua trajetória e é nesse espaço que a

teoria se conclui em prática. No cotidiano é possível observar, as vidas de sujeitos e as consequências desta como: fome, doença, desemprego, miséria, estamos vendo a verdade. Na realidade, estas consequências por vezes são confirmadas, outras negadas, pois no cotidiano os sujeitos são submetidos a realidade de sua própria vida e de fato não me espantava ver no cotidiano escolar essas relações voltadas para a qualidade de vida dos alunos. Os indivíduos se organizam para sobreviver e assim, vivem e lutam, pois sendo o cotidiano um espaço da complexidade, os acontecimentos vão surgindo, transformando-se e é impossível investigar o cotidiano estando presos ao limite da nossa visão.

Sendo assim, veremos apenas a nosso ponto de vista, afinal, acredito ser esta a forma em que a escola observava todo o seu contexto, ou seja, não se permitia expandir seus olhares. Algumas questões são importantes de ressaltar: Nem tudo o que acreditamos ser, de fato tem que ser imposto como verdadeiro sobre algo, ou pessoas, classificar como isso ou aquilo, pois as dúvidas surgem e no cotidiano é algo normal. É preciso compreender que às vezes é necessário que sejamos surpreendidos com o novo e não nos tornamos presos ao cotidiano. Para Rockwell (2005, p. 88):

O cotidiano caracteriza o espaço em que se concretizam essas relações, espaço que também contém rotinas, mas que está pleno de significações capazes de concretizar os esquemas e rotinas da aprendizagem, de forma diferente para cada sujeito na interação do espaço de trabalho.

Pensando desta forma, consegui compreender que o cotidiano implicado na Escola é o que faz a gestão escolar pensar muitas vezes de forma equivocada, tratando os problemas como se não tivessem mais solução. Contudo, foi neste mesmo cotidiano escolar que busquei ideias e novos aprendizados, o cotidiano escolar contém muitas informações, basta compreendê-lo com outro olhar: O das possibilidades. Penso que a Escola precisa expandir os seus olhares e definir que, aquilo que parece ser ruim, pode ser transformador. No cotidiano escolar podemos aprender e apreender muitas coisas e situações, talvez e até arrisco a dizer, encontrar a solução para alguns dos problemas mais pertinentes que é a socialização dos indivíduos.

O cotidiano, como espaço de construção de conhecimentos, nos permite a reaproximação “prática e teoria”, sem divisões, ou seja, para nos aprofundarmos na prática com a prática é descobrir riquezas, é a teoria em um movimento sendo atualizada no cotidiano, e deixando transparecer algo novo. Professores, crianças e escola com conhecimentos e saberes diferentes que dialogam e possibilitam ser cumprida a promessa de que a escola poderá e deverá contribuir efetivamente para a mudança na vida de crianças que chegam até ela.

É preciso ser evidente que a escola seja, uma instituição que não deverá apenas, preocupar-se com a melhoria da estatística de matrículas, mas ser e estar comprometida com a realização do seu PPP em qualidade social. E sobretudo, quando o tema gerador da Escola é valores, como efetivar abordando atitudes contrárias? Valorizar o outro, respeito, afeto. Se em um contexto em que a criança está estigmatizada e não encontram mais soluções para ajudá-la, como devemos compreender estes valores? O cotidiano é um espaço privilegiado, nele podemos aprender sobre educação e tudo que a permeia, para que através dele possamos buscar alternativas para as melhorias necessárias ao longo do processo educativo.

E, pensar o cotidiano relacionado à família e à escola, é pensar o fortalecimento desta relação uma vez que possam contribuir e auxiliar os alunos, quando estes estiverem passando por dificuldades referentes ao seu aprendizado. É necessário que família e escola compartilhem responsabilidades, precisam estar juntas, estabelecer compromissos e auxiliar os alunos em todos os aspectos. Esta é uma parceria que precisa ser refletida além do espaço escolar e além da convivência familiar, pois o cotidiano perpassa por questões que vão adiante de espaços escolares e do seio familiar.

O convívio escolar, é uma troca de experiências que possibilita adquirir conhecimentos necessários para a vida do indivíduo, tanto no social, afetivo e cognitivo. Exige adequação, compreensão e respeito pelo outro, no que se refere a vida em comum e em grupos, pois para que isto aconteça, cabe a família e a escola, traçar diretrizes que sejam cumpridas por ambas as partes, podendo desta forma obter resultados satisfatórios, concretizando o trabalho

esperado referente ao seu planejamento. Ou seja, as mudanças precisam acontecer e dessa forma:

[...] conclui-se que não se melhora uma escola simplesmente melhorando seus planos de ação, seu projeto político-pedagógico, suas condições físicas e matérias, suas normas e regulamentos, a organização de seu espaço, etc. Nenhuma melhoria ocorrerá mediante a simples modificação de tais aspectos, tal como se tem observado através de décadas de políticas educacionais orientadas para essas mudanças, sejam isoladas ou em conjunto. Caso não sejam promovidas mudanças nas práticas do cotidiano, mantém-se o “statu quo” nas escolas, embora se alterem os discursos oficiais a respeito delas e do seu trabalho. (LÜCK, 2009, p. 128).

Pensar todas estas questões que envolvem um estágio supervisionado, a vida acadêmica, o espaço escolar, sem dúvida é refletir até mesmo sobre a vida pessoal. E, assim, construindo as minhas escritas sobre as reflexões, percebi o quanto um acadêmico(a) tem a contribuir com as suas vivências. É necessário passar por esta etapa e construir uma criticidade sobre ela. Ao escrever, realizei uma busca interna de meus conhecimentos, vivências, experiências, e neste momento sinto a necessidade de expor informações ricas em conhecimento e humanização.

Recentemente em uma viagem de estudos, tive a oportunidade de conhecer e vivenciar histórias de pessoas maravilhosas, com conhecimentos diversificados, e experiências únicas. Citarei aqui a experiência incrível de conhecer o trabalho realizado no CIEJA Campo Limpo na cidade de São Paulo.

Um espaço acolhedor e permanentemente de portas abertas para toda a comunidade. A escola surgiu com a proposta de atender alunos excluídos da educação, por meio da educação popular, acolhendo adultos, jovens e alunos em inclusão, ou exclusão de outros espaços escolares da cidade. Para tanto, a escola tem estreito vínculo com a comunidade, uma vez que oferece escuta aos estudantes para decidir coletivamente todos os assuntos pertinentes à tentativa de qualificar a educação oferecida, ou seja, pessoas que fazem acontecer. Meu encantamento por esta escola é justamente o fato de existir valores, resgatar, contribuir, e sobretudo o olhar atento para cada um. Neste espaço se faz acontecer a humildade, humanização com o outro. Sem dúvida uma realidade exemplar que contempla a comunidade, alunos e professores.

As perguntas surgiam, e entre elas, algo pertinente. Porque a escola convencional não consegue ter um olhar diferenciado para aqueles que necessitam de sua ajuda? Qual a verdadeira função de um espaço escolar? No CIEJA Campo Limpo existem professores, comunidade, parceiros, sempre dispostos a ajudar. Caminham juntos para o crescimento de todos e o cotidiano neste espaço fica evidenciado quando se trata de ajudar ao próximo, ou seja, as portas estão sempre abertas, o olhar atento e os ouvidos sempre à escuta, isto é cotidiano, acontece dessa forma e tem dado super certo. Fiquei muito feliz em presenciar o acolhimento que a escola oferece, e tenho certeza que apesar dos problemas rotineiros, ainda assim, os trabalhos são realizados com eficaz.

Dito isto, infelizmente a realidade que encontramos aqui é outra, pois quando a escola não encontra solução para sanar os problemas com os alunos, sente a necessidade de transferir o problema para outros espaços. Aqui começo então, a relatar a minha profunda indignação ou tristeza, um misto de sentimentos, pois sobre as falas referentes ao menino mencionado neste trabalho, definitivamente não houve nenhum avanço esperado ou algo que pudesse obter melhorias para o seu aprendizado.

4 OS ENCAMINHAMENTOS E AS CONTRADIÇÕES VIVENCIADAS NO ESTÁGIO CURRICULAR

Devo dizer que no decorrer das últimas semanas de estágio, meu trabalho com a turma estava acontecendo com muito entusiasmo e resultados positivos inclusive com o menino. Já havia notado certa diferença em seu comportamento a partir das minhas contribuições com ele, o fato da valorização pessoal e suas potencialidades na aprendizagem fizeram com que algumas mudanças acontecessem. Porém, os conflitos dentro e fora do espaço escolar continuavam a acontecer. A gestão escolar através de uma reunião, solicitou a presença da Secretaria da Educação e Conselho tutelar, para que juntos encontrassem uma solução adequada para os problemas que envolviam a criança. A conselheira foi até a sala de aula, solicitou que eu disponibilizasse um tempo para que ela conversasse com a turma a respeito do comportamento do menino.

Primeiramente, era evidente o constrangimento da criança perante a situação. Segundo, fizeram alguns relatos sobre como as crianças se sentiam com as ofensas vindas do menino e vice versa. Por muitos dias fiquei pensando na situação daquele menino, pois talvez a solução encontrada pela escola foi o constrangimento da criança, ou seja, impor um respeito através da moralização se faz pensar quais seriam as formas que melhor pudessem inserir uma conversa adequada e segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente:

ECA - Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990

Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

Art. 232. Submeter criança ou adolescente sob sua autoridade, guarda ou vigilância a vexame ou a constrangimento

Pena - detenção de seis meses a dois anos.

Claro que não podemos considerar em um espaço escolar que exista este tipo de ação, mas fica subentendido que ocorre sim, uma superioridade para lidar com certas questões. Nós temos a lei ao nosso favor, nós temos recursos que nos propiciem segurança dentro da educação. É necessário saber que o que pensamos ser o certo, muitas vezes não é. E, obviamente na situação mencionada anteriormente, eu como professora fiquei extremamente constrangida com o fato, posteriormente não teria sido diferente para a criança que estava sendo “julgada”.

Nesse sentido, surgiam alguns apontamentos: será que ficou evidente para a criança que esta não poderá mais importunar seus colegas e professores? Será que o julgamento prévio sobre ela ajudara a escola com a melhora da socialização com todo o espaço escolar? Será que esta criança ficou ciente das suas obrigações? Qual o atual sentimento desta criança sobre a escola, colegas e professores? Passou alguns dias após o ocorrido, o menino não compareceu nas aulas, procurei saber o motivo, mas obviamente ninguém sabia o que dizer, existia uma total falta de atenção e consideração com a criança, visando sempre a questão de que nada poderia ser feito a respeito, já que a família não tinha interesse em resolver o problema, portanto não caberia a escola tomar para si. Ao sair da escola, encontrei a criança na rua e questionei suas faltas em sala de aula, relatei que estava perdendo muitas coisas legais e interessantes de se aprender, inclusive que sentia saudades dele. Mas ele rapidamente respondeu: ninguém gosta de mim nessa escola, porque eu

incomodo e fiquei com vergonha quando a “mulher” (conselheira tutelar) falou aquelas coisas na sala. Então, após ele justificar suas faltas, novamente me deparei com a situação de não saber o que fazer. Afinal, apesar de tentarmos construir um planejamento que fosse instigante, legal e que valorizasse as potencialidades da turma, se não houver uma parceria da escola com os professores, nada adiantará realizar um trabalho com satisfação, entusiasmo e valorização.

Ao retornar para a escola a mãe do menino questionou o ocorrido na semana anterior, quando a Conselheira foi até a sala de aula e fez o seu discurso. A escola rapidamente disse à ela que foi necessária a intervenção, obviamente a mãe apesar de não ser presente sentiu-se ofendida pelo ocorrido com seu filho, fica claro que o acolhimento não acontece como deveria e volto a mencionar que se pode considerar que a família desempenha um papel necessário no despertar para a formação de hábitos e costumes, os quais serão transportados para o ambiente escolar e social. Se a criança já chega ao ambiente escolar com hábitos sociais desenvolvidos, ela terá menos dificuldade de adaptação e socialização, tendo em vista uma base já constituída em seu contexto familiar. A atuação da família não deve se desvincular após a ida da criança para a escola. Pelo contrário, deve ser uma extensão desta, pois a criança passará por uma nova construção de conhecimentos, passando a se relacionar, socializar com outros indivíduos, com outros costumes, outras vivências precisando assim, ser estimulada para essa nova etapa. Sendo assim:

A educação das crianças, que tradicionalmente cabia aos pais, hoje está sendo dividida com a escola. Como os professores não foram capacitados para essa nova função em seus cursos de formação, existe um descompasso entre essa capacitação e a solicitação dos pais em relação à educação dos filhos. (TIBA, 1998, p.15).

O trabalho da escola não isenta o acompanhamento da família, que deverá fortalecer a construção dessas novas competências e valores, a fim de que o indivíduo possa ir se apropriando e desenvolvendo outros saberes amparado pelo acompanhamento da família que oferecerá suporte para o seu desenvolvimento na escola. Por outro lado, caso este acompanhamento não se efetive, poderá ser desencadeado um sentimento de desafeto e

descompromisso, que poderá gerar consequências tanto no ambiente familiar como no escolar, o que de fato aconteceu neste processo vivenciado por esta família. Temos duas situações: primeiramente a mãe e o filho são visados como problema e segundo, não são acolhidos pela comunidades escolar, pois é mais fácil livrar-se do problema do que resolve-lo. Segundo Freddo:

A escola precisa tornar-se sensível as histórias familiares de seus alunos, para de forma responsável, juntamente com os pais, buscar a resolução para as dificuldades cotidianas e, assim, propiciar a criança a conquista de sua autoconfiança, que lhe oportunizará, o sucesso social no futuro. (FREDDO, 2004, p. 171).

Nos faz pensar que por falta de um contato mais próximo e afetivo, surgem às condutas caóticas e desordenadas, que refletem em casa e quase sempre, também na escola em termo de indisciplina e baixo rendimento escolar. Por outro lado, acredita-se que as escolas não querem de fato a presença assídua dos pais no espaço escolar. São muitos os sujeitos envolvidos no processo educativo e todos são importantes, a participação de todos é valiosa sim. Assim, a gestão não pode ser pensada em outra forma que não seja a de uma perspectiva democrática onde há participação de toda a comunidade escolar. Gestão só se faz com participação, ouvindo e partilhando dos interesses de todos, sem privilegiar esse ou aquele. Nesse sentido, Lück “[...] o entendimento do conceito de gestão já pressupõe, em si, a ideia de participação, isto é, do trabalho associado de pessoas analisando situações, decidindo sobre seu encaminhamento e agindo sobre elas, em conjunto” (LÜCK, 2010, p. 17). O gestor deve ser um sujeito crítico e reflexivo, mobilizando todo o processo pedagógico, é indispensável que o gestor seja uma pessoa acessível, com o qual todos tenham confiança e liberdade de dialogar, fato que nas minhas vivências não acontecia dentro da escola. Até mesmo em relação as estagiárias que se encontravam na espaço escolar, minha interação foi somente com a coordenação e professoras. Mas na medida em que existe o diálogo o reconhecimento das demandas existentes naquela realidade é muito mais fácil e eficaz. É fundamental que o mesmo busque conhecer a realidade em que os sujeitos estão inseridos, na medida em que, também é necessário partir do contexto que estão vivenciando. Na perspectiva da família no contexto escolar o

gestor é um valioso mediador, buscando aproximá-los de modo que se unam para melhorar a qualidade da educação oferecida pela instituição.

Nos últimos tempos muito vem se falando sobre a participação da família na vida escolar dos filhos, a própria mídia vem vinculando campanhas incentivando a participação dos pais na escola. No entanto, ainda há certa resistência, muitos pais têm a ideia de que só são chamados na escola para ouvir reclamações como de comportamento e desempenho escolar, mas mesmo quando chamados muitos não comparecem, não é fácil esta aproximação, pois exige confiança entre as duas partes, desde o momento da matrícula da criança, e é de suma importância levar em consideração as culturas, os costumes e as crenças de cada uma, estabelecendo um nível de igualdade e respeito.

Escola é [...] o lugar onde se faz amigos. Não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos [...]. Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima. O diretor é gente, o coordenador é gente, o professor é gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente. E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão. Nada de ilha cercada de gente por todos os lados. Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir que não tem amizades a ninguém, nada de ser como o tijolo que forma a parede, indiferente, frio. Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar; é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se “amarrar” nela! Ora, é lógico [...]. Numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz.” (A ESCOLA É. Poesia de Paulo Freire (1 - 31))

Mas, tratando-se de gestão escolar e meus relatos sobre algumas questões, devo dizer que, ao término de meu estágio nos anos iniciais, consegui finalmente uma conversa com a diretora da escola, esta que ao meu ver não estava muito interessada na ideias inovadoras ou conselhos que pudessem agregar ao funcionamento escolar. Por fim, minha conversa novamente foi relacionada ao comportamento de meu aluno o qual já mencionei no decorrer da escrita. Questionei os motivos pelos quais aconteciam as desavenças na escola, as situações de *bullying* e que segundo a escola, eram realizadas apenas por parte do menino.

Relatei que fiquei incomodada com a presença da conselheira tutelar em sala de aula, uma vez que não achava viável ser daquela forma a abordagem, pois primeiramente o menino foi retirado da sala para conversar e após retornou

com a conselheira. O que quero dizer deste meu relato é que, sendo a escola um espaço transformador, acolhedor, não se pode chegar ao ponto de intervir na vida formativa da criança com esta agressão, punindo ou causando constrangimento para a criança.

Nesse sentido, é importante mencionar que Fernandez (1992) compreende a agressividade como parte do impulso que está intimamente ligado ao aprender e à capacidade criativa e simbólica da criança; já a agressão, pelo contrário, acaba por dificultar e destruir o processo de pensar. A autora traz uma contribuição importante acerca da diferença de agressividade e agressão. Em relação à agressividade, ela aponta como um fator importante à aquisição da aprendizagem e que pode servir de mediatizadora, estando dentro de um nível simbólico e não sendo algo que deve ser evitado, porque é constitutivo de toda a pulsão. Quanto à agressão, esta é relacionada à atuação agressiva; não pode ser mediatizada e não está no nível simbólico, em que a criança que passa a apresentar problemas de agressão demonstra sério déficit em sua experiência lúdica. Portanto, é necessário encontrar outras maneiras de solucionar os problemas com as crianças. Para isto, temos todo o processo formativo acadêmico e não somente a formação, mas somos seres humanos e estamos neste plano para ajudar ao próximo. Não nos compete rotular crianças, mas sim desfazer o que a sociedade e a própria escola impõem.

Para que eu possa, de certa forma, concluir meus pensamentos e todo o aprendizado no estágio curricular supervisionado, deixo aqui o final da minha história abordando a vida de um aluno “problema”. De tudo que ocorreu, quase nada pude fazer, mas fiz o que estava ao meu alcance naquele momento, pois logo após retornar para escola depois da semana em que ocorreu o constrangimento, meu aluno não prosseguiu, obviamente já haviam buscado outras formas para que resolvessem ou livrar-se do problema. Ao entrar em sala de aula a professora regente deu a notícia com grande entusiasmo de que o menino, a pedido da secretaria da educação, foi transferido para outra cidade, mais precisamente na localidade em que o pai morava. Então, sem disfarce algum, meu semblante fechou, afinal, não esperava ouvir tais palavras com tanta euforia, quase como alívio. Confesso que fiquei decepcionada e não com a minha conduta como professora, mas sim, com a escola, que não teve estrutura para lidar com a situação, ou seja, aqui preciso abordar a amorosidade, pois

talvez a única coisa de que aquela criança precisasse era um pouco de atenção e um olhar simplório.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É na família que se constroem os primeiros modelos a serem seguidos pelas crianças, por isso que esta constitui um importante papel na formação do sujeito, assim também na educação do mesmo, na formação da moral, nos costumes e nas atitudes das crianças. Com as várias mudanças ocorridas na sociedade atual, à estrutura e o funcionamento familiar também sofreram alterações e cabe agora a escola adaptar-se a essas mudanças, procurando aproximar a família do contexto escolar.

Este trabalho discutiu sobre as reflexões do estágio curricular supervisionado nos Anos Iniciais, juntamente com a relação das instituições família e escola, bem como os papéis a serem desempenhados por ambas. Durante as minhas reflexões e estudos para fundamentação teórica, pude perceber que as relações entre família e escola não possui uma aproximação efetiva ou fácil, pois ainda é necessário buscar uma relação de compromisso e parceria. A escola é local de socialização de saberes, lugar onde as crianças apresentam a comunidade sua cultura própria e recebem o auxílio dos professores na busca incessante por conhecimentos.

Assim, essa tem o importante papel de proporcionar reflexões acerca das problemáticas da sociedade, bem como auxiliar os alunos na elaboração de estratégias para resultados satisfatórios. O professor, nesse sentido desenvolve a função de respeitar e valorizar os limites intelectuais de seus alunos. A participação, o comprometimento dos pais nessa prática é de fundamental importância no desenvolvimento integral do sujeito, para isso os responsáveis, seja a família sendo na modalidade em que foi construída, tenha conhecimento de que é uma instituição social que interfere diretamente no desenvolvimento das crianças na escola, pois é a família que constitui a base de toda a educação e transformação das relações que envolvem o homem no contexto social.

Para tanto, a fim de manter uma relação harmoniosa e alcançar resultados educacionais satisfatórios, faz-se necessário a parceria entre a

instituição escolar e a instituição familiar, para isso a escola precisa manter um diálogo com a família, buscar informar aos pais sobre a importância da participação dos mesmos para o desenvolvimento de seu filho, e para que isso aconteça os dois lados precisam estar visando os mesmos ideais. Assim, para esse processo acontecer, a escola precisa conhecer a realidade das famílias, o contexto em que as mesmas estão inseridas, para desta forma poder intervir e acionar os pais diante de possíveis problemas.

É importante também, esclarecer aos pais sobre os comportamentos de seus filhos, em reuniões não apenas trazer os pontos negativos da criança, colocar os positivos para que os pais sintam-se motivados e motivem seus filhos. Deve-se levar em consideração a importância dos limites estabelecidos entre pais e filhos, professores e alunos, os mesmos precisam ter claro que as regras devem ser cumpridas para que possa haver uma amigável e respeitosa vivência entre os membros, e que tais regras precisam esclarecer desde o início o que pode e o que não pode acontecer e precisam ser simples e flexíveis.

Contudo, a família e a escola devem caminhar de mãos dadas com o objetivo de qualificar a educação oferecida pela instituição, buscando estratégias que venham suprir as necessidades vivenciadas naquele contexto. Nesse sentido, o gestor deve ser um mediador nesse processo buscando trazer os sujeitos a pensarem e discutirem estratégias, o diálogo é fundamental para alcançar sucesso nessa empreitada. Todos unidos com um só objetivo, uma educação de qualidade que possibilite a transformação social. Dessa forma, acredito que a escola precisa interagir-se de maneira significativa da vida de seus alunos, para que consigam obter resultados satisfatórios em suas aprendizagens e socialização com o contexto escolar, não somente evidenciar os problemas e livrar-se deste. Ao finalizar este trabalho, percebo o quanto foi gratificante vivenciar o estágio e contribuir para o aprendizado das crianças, pois sem dúvida as minhas vivências foram conquistas de um longo período de estudos e reflexões pessoais e intelectuais. Ou seja, ao escrever este artigo, pensei e decidi relatar sobre as minhas vivências, experiências, neste processo de estágio nos anos iniciais, elencando os questionamentos que obtive durante este período, ao mesmo tempo trazendo as reflexões deste processo e as contribuições de todo o aprendizado adquirido, buscando entender e compreender como acontece na prática as nossas dúvidas, reflexões e

apontamentos, como conseguimos resolver conflitos e problemas que possam surgir no decorrer do tempo de estágio. Ampliando os nossos conhecimentos e contribuindo para a reflexão de demais acadêmicos do curso de Pedagogia.

6.REFERÊNCIAS

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990.** DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.

FERNANDEZ, Alicia. **Agressividade: qual teu papel na aprendizagem.** In: GROSSI, E. P. & BORDIN. J. **A paixão de aprender.** 5a. Ed. Petrópolis, Vozes, 1992.

LÜCK, Heloísa. **Dimensões de gestão escolar e suas competências.**-Curitiba: editora Positivo, 2009.

FREDDO, Tânia Maria. **O ingresso do filho na escola: o polimento dos espelhos dos pais.** Passo Fundo: UPF, 2004.

PIMENTA, S. G. **O Estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** SP: Editora Cortez, 1995.

_____. LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência. 3ª ed.** SP: Editora Cortez, 2012.

Socorro L. **Estágio e Docência.** São Paulo. Cortez Editora. In.: PIMENTA, Selma G. & LIMA, Maria 2004.

VIDOR, Alécio. **Relações entre pais e filhos origem dos problemas.** Passo Fundo, Berthier, 1977.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** 7. ed. São Paulo: Libertad, 1989.

DIAS, M. B. **Manual de direito das famílias.** 8. Ed. São Paulo: Livraria do Advogado, 2011.

TIBA, I. **Ensinar aprendendo: como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização.** São Paulo: Gente, 1998.

ROCKWELL, E. **La escuela cotidiana.** 5. ed. México: Paidós, 2005. v. 1.

<https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/08/poesia-escola-paulo-freire-com.html>